

1ª APARIÇÃO DE VOLTAIRE



Para descansar o cérebro fatigado, essa noite na cela se pos a ler um livro em que se contava minuciosamente a morte de Voltaire, nécio e desventurado personagem, que no espantoso transe interessava-se mais pelo destino de seu velho corpo, já semi-putrefato, que pelo de sua alma imortal.

Leu as artimanhas de que se valeu para que não se negasse a seu corpo a sepultura eclesiástica, que ansiava sómente pela mais inexplicável e contraditória vaidade. Para lograr esse propósito chamou o confessor e consentiu em firmar um documento retratando-se de suas doutrinas.

Porém, como melhorasse dessa enfermidade e recobrasse a saúde, se arrependeu de sua retratação, e temendo nela recair se voltasse a adoecer, lavrou na presença de notário um protesto contra uma manifestação análoga que *in articulo mortis* pudesse lhe arrancar outro confessor.

Passaram-se nada menos que trinta e cinco anos; Deus o esperava com infinita paciência.

Achou-se de novo em transe de morte, e preocupado sempre pelo destino de seu cadáver, aceitou os auxílios de M. de Tersac, cura de São Sulpicio, sua paroquia, e extendeu a retratação de ritual, sem a qual nenhum sacerdote tinha faculdade para absolve-lo. Porém o cura submeteu o caso ao arcebispo, que não aceitou aquele documento redigido com demasiada astúcia, e exigiu algo mais categórico.

Voltaire, aproveitando uma fugaz melhora, começou a chicanear. De pronto chegou deveras à morte, e o filósofo expirou, não rodeado de flores e amigos, dialogando e sorrindo filosóficamente, segundo imaginavam seus admiradores, senão blasfemando; desnudo, porque seu ventre inflamado não suportava nem um fio de tecido, e gritando que lhe dessem um pote com gelo para aplacar a sede.

A tal ponto chegou a sua tortura e seu desespero, que afundou as mãos no pus de sua bexiga e se encheu a bôca, enquanto os circunstantes, sua sobrinha Denise, seu sobrinho Villette, seu criado Wagniéres e seus médicos Tronchin y Lorry, transidos de horror, contemplavam a cena.

— *Talis vita, finis ita*, disse o frade, ao fechar o livro.

Se conteve ao ver a data: Voltaire havia morrido em 30 de maio de 1778, e nessa exata noite se cumpria o segundo centenario.

— Duzentos anos! exclamou o superior. Sucessão inacabável de sofrimentos. E sem embargo todavia sua eternidade nem sequer havia começado. Que mistérios, Senhor, os destas almas às quais destes mais luz que às outras, e que blasfemaram mais? Que escondido deleite há no orgulho, que embriagou e perdeu a terça parte dos anjos?

Com esses pensamentos se pôs a rezar, até que o sono o venceu e dormiu. Dormiu apenas duas horas; um forte ruído lhe fez abrir os olhos e viu pela janela que ainda não havia saido a lua. Plena oscuridade na horta, e em sua cela um resplendor estranho e um fedor insuportável.

Levantou-se da cama e esticou a mão até sua pia de água benta. O paralizou uma voz infinitamente dolorosa, vinda do rincão mais afastado da cela.

— Não toque nessa água, porque me farias fugir. Não pronuncie exorcismos, se queres que te comunique os segredos do porvenir. Eu sou o desventurado filósofo cuja morte viste escrita; um sábio aos olhos dos nécios, e hoje um nécio eterno a meus proprios olhos... Queres ouvir-me?

Frei Plácido conseguiu ver a figura de um homem desnudo, com as carnes calcinadas e consumidas; evidentemente, a figura de Voltaire.

— Fale em nome de Cristo!

Nem bem pronunciou esta palabra, ouviu o ranger daqueles ossos, os viu dobrar-se até ajoelhar-se sobre os ladrilhos e escutou um lamento:

— Por que o chamaste? Não sabes que quando soa esse nome todos os habitantes do céu e do inferno se ajoelham? Tú não podes sequer imaginar o suplício que é para mim, que somente o chamo ‘o Infame', adorá-lo cada vez que outros o nomeiam com seu verdadeiro nome.

— Fala; não o nomearei mais! disse o frade, temeroso de espantar aquela sombra, da qual desejava arrancar seus segredos.

E ao notar o *rictus* da desdentada caveira, lhe perguntou, perplexo:

— Te ríes, Voltaire?

— Este riso é minha condenação. Eu fiz rir aos homens para que não acreditassem na divinidade do Infame. E eu creía! Creía e tremia, sabendo que um día nos encontraríamos frente a frente. Me sentia dotado de uma inteligência portentosa, maior que a de todos os homens depois de Salomão, e pude escolher entre servir a Deus ou alçar-me com ela contra Êle e ser seu inimigo eternamente.

— E disseste, como Luzbel: *Non serviam*!

— Sim! E Êle me deu, em troca, larguíssima vida, para que tivesse tempo de arrepender-me.

— E agora te arrependes de não te-la aproveitado?

— Não! Arrepender-se é humilhar-se, coisa impossível na miserável condição de minha alma. Se eu voltasse a viver, voltaria a condenar-me…

— Explica-me esse horrível mistério!

— Durante sessenta anos fui festejado e aplaudido como um rei. Poetas, filósofos, príncipes, mulheres, se pasmavam de admiração ante a mais trivial de minhas burlas.

— E você, se admiravas também a si mesmo?

— Eu, a medida que avançava a velhice, tinha o maior asco do objeto daquela admiração de homens e mulheres, pois cada vez que abria minha boca, antes que eles ouvissem o rumor de minhas palavras, eu sentia o fedor de meu alento. Porém se era nauseabunda a fetidez de minha boca, era incomparávemente pior a hediondez de meus pensamentos.

— Infeliz!

— Eles me consideravam um semideus e eu os desprezava, sentindo apodrecer minha carne, envoltura da alma imortal. Ai de mim! Durante 84 anos essa carne, que ia dissolvendo-se, foi minha única defesa contra o Infame. Enquanto eu, quer dizer, minha vontade, subsistisse entrincheirada nessa carne, poderia seguir lançando meu grito de guerra: Esmagai ao Infame!

— Cristo vive, Cristo reina, Cristo impera! exclamou, horrorizado o velho, sem pensar nas consequencias desse triplo louvor.

— Ai! disse Voltaire com indescritível lamento; e outra vez se ouviu o sinistro ranger de suas rótulas queimadas que se dobraram até o solo; e se viu a macabra figura prostrar-se de joelhos. Êste é meu maior tormento: confessar sua divindade!

— *In nomine Jesu* murmurou o frade para si mesmo, *omne genu flectatur cœlestium, terrestrium et infernorum.*

E acrescentou em voz alta:

— Acaso não temias a Deus?

— Oh, sim, o temia! Oh, miséria e contradição de minha soberba! Quando pensava na morte me aterrava, e teria dado minha fortuna, minha fama e meus livros por um só grão de humildade, a semente do arrependimento. Porém a humildade não é natural; é sobrenatural. Um homem sem olhos poderia ver mais fácilmente que um homem soberbo dizer: ’Pequei, Senhor; perdão.’ Ver sem olhos é contranatural; uma força natural pode modificar-se por outra força natural. Porém arrepender-se sem humildade é contra o sobrenatural, infinitamente mais além das forças do homem. Se necessita a graça divina.

— E, porventura, Deus não te lha deu?

— Sim, a torrentes! Quisera ao céu que não se me tivessem dado tantas graças. Pois, ao julgar-nos nesta sombria região, se têm mais em conta as graças rechaçadas que os pecados cometidos.

— Segue, Voltaire! Te escuto com ansiedade.

O patriarca de Ferney prosseguiu assim, entre secos e horripilantes soluços:

— Quando alguém há rechaçado obstinadamente durante vinte anos, trinta anos, meio século, os auxilios sobrenaturais da graça, Deus o abandona à suas simples forças naturais, a inteligencia e a vontade. Eu via meu destino se não me humilhava; porém humilhar-me teria sido um milagre. E meu orgulho me embriagava dizendo-me que eu, hediondo e bichado, poderia por meu livre arbítrio resistir à graça, comprazer-me na minha força e lutar contra Deus. Que delírio, fazer o impossível até para as estrelas dos céus e mesmo aos arcanjos: resistir a Deus! Tinha o frenesí da blasfemia e do sacrilégio. Para burlar-me do Infame comunguei muitas vezes sacrílegamente diante de meus criados; e meus amigos me aplaudiam e me imitavam. E assim cheguei ao dia do espanto.

— A hora da vingança, disse o frade, horrorizado. *Effunde frameam*. Desembanha tua espada, Senhor.

— Assim foi; chegou a vez de Deus, e desembainhou a espada sobre mim.

— Conta-me teus últimos momentos.

— Os homens não suspeitam os mistérios dessa hora, especialmente do último momento em que as potencias da alma, a memória, o entendimento, a vontade, adquirem uma agudeza incomensurável.

— Quanto dura isso?

— Suponho que só seja um segundo; porém nesse segundo cabe muito mais que toda tua vida, por longa que fosse; alí cabe tua eternidade. Nesse instante pode tua vontade fixar-lhe o rumo. Desventurado de mim! A obstinação de oitenta anos, transformada em impenitencia final, é como um muro de bronze incandescente que rodeia a alma e aguenta o último assalto da misericórdia, temendo, oh, contradição!, de ser derrotada, e espantando-se de antemão do que será seu proprio triunfo. Ai de mim! Eu triunfava. Os raios da graça se rompiam sobre meu coração como flechas de marfim contra uma rocha.

— Triunfa a graça alguma vez?

— Milhares de vezes, porque é a virtude do Sangue. Quantas retratações inesperadas, que ficam no segredo do mais além! Porém se visses a dureza dos que pecaram contra o Espírito... dos desesperados, dos irônicos que para lograr um chiste lançaram uma blasfemia, dos que venderam ao orgulho sua última hora, dos apóstatas. Para assistir e vigiar a impenitência final destes, o diabo abandona toda outra ocupação. E se mete em suas veias e há como uma transfusão do orgulho diabólico na alma do renegado.

— Os homens não conhecem as profundezas de Satanás, murmurou Frei Plácido.

— Se o diabo pudesse arrepender-se, êsse sería o momento de sua conversão, quando para fortalecer a soberbia de uma alma se empobrece da sua, transfundindo-se-la. Ai!, quando se chega a essas profundidades, a alma se afunda voluntáriamente em seu destino.

— Voluntáriamente? interrogou o frade.

— Te surpreende? Escuta: eu firmei com minha propria mão a minha eterna condenação. E a tornaria a firmar cem vezes, com pleno discernimento, antes de humilhar-me e dizer: Pequei, Senhor; perdoa-me!

— Não cabe em minha mente, replicou Frei Plácido aterrado, que seja verdade que se voltasses a viver voltarias a merecer tua condenação.

— Sim, cem e mil vezes! No último instante de minha vida, quando para aliviar minha sede me enchi a boca de imunda matéria e lancei aquele espantoso alarido que ficou em minha história; quando meus olhos se fecharam, todos me acreditaram morto. Porém eu estava vivo, agarrado ao barro podre de minha carne que todavia, por uns segundos, me livrava de cair nas mãos de Deus.

— Todavia, podias se arrepender?

— Sim. E se me apareceu o Infame com sua coroa de espinhos e as chagas abertas nas mãos e pés, o peito ensanguentado; e um papel sem assinatura, que era minha sentença. ´Eu, que te redimi com meu sangµe', me disse, ´não a firmarei; porém a entrego a ti para que tua liberdade disponha'.
Durante um segundo, em que vi meu passado e meu porvenir, sopesei as consequências. Já nem sequer tinha que pedir perdão. O Infame se adiantava em me oferecê-la; bastava-me aceitá-lo confessando que pequei. O mundo ignoraria até o dia do Juízo minha retratação, e eu me salvaria. Impossível! Durante sessenta anos havia combatido contra o Infame. Se agora aceitava seu perdão, a vitória seria sua. Se o rechaçava, eu, verme da terra que não tinha mais que meio minuto de vida, me levantaria até Êle e faria tremer os céus com minhas eternas blasfemias. Porém era tal o horror de meu destino que vacilei. Quem me dera um grão de humildade nesse instante!

— Não o terias rechaçado, porventura?

Voltaire guardou silêncio e logo respondeu, com voz cavernosa.

— Sim, o teria rechaçado! Então peguei a sentença que Êle não queria firmar, e eu fui meu próprio juiz e a firmei com esta mão que escreveu La Pucelle e que agora derrete o bronze... Olha!

Voltaire estendeu aquela mão que tantas blasfemias imundas havia escrito com extrema agudeza e roçou um candelabro de bronze, numa copa da parede.

O duro utensílio se derreteu como uma vela posta na boca de um forno. As gotas do metal cairam sobre os ladrilhos e alí se aplastaram.

— Saiba pois, prosseguiu Voltaire, que nenhuma condenação leva a firma do Cordeiro. Todas levam a nossa!

Ao longe tocou um sino. Voltaire se estremeceu.

— Os sinos me aterram. Tudo o que mede o tempo me aterra. Um ano. Dez anos. Duzentos anos. Quando se acabará o tempo e começará a eternidade desnuda?

— Quando? interrogou o superior. Acaso não se divisam já as últimas etapas do Apocalipsis? Já não foi rompido o sexto selo do livro dos sete selos?

A lua brilhava entre os ciprestes da horta.

Voltaire olhou para as cruzes plantadas na terra, à cabeceira dos mortos no Senhor, e voltou os olhos com angústia.

— Um dia não distante florecerá o salgueiro no fundo da horta; e se levantarão os mortos a receber a seu Senhor; tú, que não morrerás até a sua vinda, subirás com eles os ressuscitados nos ares, para acompanhar ao que virá a julgar aos vivos e aos mortos. Porém antes... se deteve.

O frade temeu que se calava no momento da revelação, e o instou com estas palavras:

— Antes terá vindo o Anticristo…

— Sim, exclamou Voltaire com diabólico entusiasmo. Essa será a época em que o Infame será vencido no catolicismo e em seus santos... Vós os frades creêm invencível ao catolicismo. Não! Sabe que será vencido!

— Já o sei, respondeu Frei Plácido, é de fé que será vencido, mas só por um tempo. O Apocalipsis anuncia que a Besta do Mar, ou seja o Anticristo, dominará todos os povos, línguas e nações, e fará guerra aos santos e os vencerá, o que lhe será permitido durante quarenta e dois mêses. Porém, isso tardará muito todavia? Quais se equivocam: os que creem que faltam milhares e milhares de anos para a vinda do Anticristo, ou os que creem que estamos já tocando em seu reino?

— Tú o que crees?

— Eu creio, respondeu Frei Plácido, que o Anticristo verá logo, e que essa vinda ocorrerá antes do período de paz religiosa durante a qual o diabo estará preso e atado com uma grande corrente e trancado no abismo.

— Não sabes que essa não é a opinião da maioria de vossos intérpretes?

— Sim, eu sei, disse o frade. A maioria dos intérpretes modernos sustentam que o fim do mundo ainda dista milhares de séculos, e que o Anticristo virá nas vésperas do dia grande e horrível do Senhor, quando Satanás saia de sua prisão e seja desatado por um pouco de tempo. Porém eu penso o contrário: que ainda que o mundo possa físicamente durar milhões de anos, a humanidade está já próxima a conhecer ao maior inimigo de…

— Não o nomeies! Já te compreendo.

— E que esse inimigo, que chamamos o Anticristo, será uma pessoa; um homem de perdição, como disse São Paulo, e não uma sociedade nem uma seita, como afirmam alguns.

— Pensas com verdade: será um homem, porém não estará sózinho; se encarnará numa ordem religiosa cujo superior será seu falso profeta.

— Que ordem?

— Dentro de dez anos o adivinharás sem que eu te diga.

— E creio, prosseguiu o frade, que os judeus o receberão como o Messias, e portanto que sua vinda será antes da conversão dos judeus, em meio de uma grande perseguição de todas as nações contra o povo de Israel. De modo que o verdadeiro sinal da aproximação do Anticristo não será a perseguição universal dos cristãos, senão a perseguição dos judeus.

— Essa é a verdade! disse Voltaire.

— E penso também que isto ocorrera logo, e que só depois da morte do Anticristo se converterão os judeus e Jerusalém será restaurada, com um rei da estirpe de David.

— Assim será! confirmou Voltaire.

— Está pois próximo a nascer o Anticristo?

— Já nasceu.

— Onde? De que raça? interrogou ansiosamente Frei Plácido; porém a desconfiança o perturbou. Como vou acreditar, se és filho da mentira?

— O Senhor me manda dizer a verdade: o Anticristo, que nasceu em 1966, é da tribo de Dan; e o proclamarão seu rei não sómente os judeus, senão também os muçulmanos.

— Será grande seu império?

— Sim: o número de seus jinetes será de duzentos milhões, segundo o cômputo do Apocalipsis.

— E sua capital qual será?

— A cidade de seu nascimento, a maior e mais gloriosa e mais santa cidade do mundo.

— Jerusalém, então?

— Não: Roma.

— Roma, cunha e capital do Anticristo? exclamou estupefato o frade. Porque, pois, os intérpretes dizem que nascerá em Babilonia?

— Roma é Babilonia. Volte a ler o final da primeira epístola de São Pedro Apóstolo e encontrarás a explicação. Tudo está nas Escrituras. Tudo está profetizado.

— Sim, disse o frade. O profeta Amós há dito: ´O Senhor não fará nada que não tenha revelado a seus servos os profetas'. Porém os intérpretes disputam sobre o sentido das profecias. Por centenas de anos discutiram o que simbolizam as sete cabeças da Besta do Mar, que têem diadema... Explica-me isso!

— Está no Apocalipsis, e tú o sabes. São sete reis, que o tem sido, materialmente ou moralmente, pela influência que exerceram entre os homens. Cinco deles já passaram: Nero, Maomé, Lutero; o quarto fui eu, e o quinto Lenin.

— E os que todavia ainda não chegaram ?

— O sexto já é: o imperador do Santo Império Romano Germânico…

— Porém nem esse império nem esse imperador existem. Há um Império Romano sobre o qual manda Carlos Alberto, e há um Império Germânico que tem por soberano a Adolfo Enrique.

— Antes de dez anos não formarão mais que um, respondeu Voltaire. Berlín e Roma serão cidades de um só imperio, sob o cetro do sucessor de Adolfo Enrique, quem preparará o advento do sétimo rei, que será rei de Roma, o undécimo corno do Dragão…

— O Anticristo!

— Eu voltarei a visitar-te dentro de dez anos e dentro de vinte.

— E eu ainda estarei vivo? Lembre que nasci no primeiro dia deste século.

— Tú, que agora vives sob o Pastor Angélico, verá passar como ondas de um rio aos últimos papas, a Gregorio XVII, a Paulo VI, a

Clemente XV. Tú concorrerás ao conclave que elegerá a Leão XIV, judeu, filho de Jerusalém, convertido ao Infame e sob cujo reinado se converterão os judeus, e tú verás florescer o salgueiro e ao último Papa, Petrus Romanus.

Frei Plácido escutava e tremia.

— Serei cardeal, por ventura?

— Não necessitarás se-lo. Reinará em Roma a sexta cabeça, que fará morrer a um papa; e tú haverás conhecido a Besta da Terra, o falso profeta do Anticristo, e virá a hora da sétima cabeça, que será uma mulher, e do undécimo corno, o rei dos romanos, o proprio Anticristo.

— E a ordem gregoriana, ainda existirá então?

— Dentro de dez anos te contestarei. Te baste saber que da ordem sairá um astro resplandecente, cujo nome está no Apocalipsis. Poderias descobri-lo?

— Absinto! murmurou Frei Plácido com um hálito de voz.

— Acreditei que não fôsse capaz de nomea-lo!

Por que o superior dos gregorianos disse aquele nome, que significa no Apocalipsis uma estrela caída? Em quem pensou? Em ninguém! Deus era testemunha de que em ninguém pensou! Para aturdir sua inquietude se pos a repetir o texto do Apocalipsis.

— ‘E o terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu uma grande estrela ardendo como um tocha; e caiu na terceira parte dos rios e na fonte das águas. E o nome da estrela é Absinto, e a terceira parte das águas se convirteu em absinto e morreram muitos homens que as beberam, porque se tornaram amargas'.

Aquele símbolo havia sido interpretado como alusão ao frade apóstata Lutero, cujas doutrinas envenenaram a tantos milhões de homens.

— Podería aplicar-se 500 anos depois a outro personagem?

Quis pedir esclarecimento porém Voltaire havia desaparecido. A porta da cela estava fechada. Pelos vidros das janelas chegavam torrentes de luar. Frei Plácido abriu de par em par a porta e as janelas, porque o fedor da habitação era insuportável.

— Que estranho sonho! se disse, colhendo um hissopo e aspergindo com água benta o solo e as paredes.

Era noite de plenilunio. Tudo aparecia envolto num cendal de prata. Não havia para que acender a luz.

Se apoiou sobre o peitoril da janela e respirou a plenos pulmões o ar sutil e puríssimo. Contou duas, três, cinco cruzes entre as moitas; viu as ramas secas do salgueiro, sentiu sono e se recolheu.

Porém ao encaminhar-se ao leito seu pé tropeçou num obstáculo. Se agachou e viu: era uma massa de bronze fundido.

— O candelabro! exclamou com espanto.

Se persignou, deitou de novo e dormiu no ato.

Já nas campinas distantes cantavam os galos pressentindo a alba.